

JARDIM BOTÂNICO, CURITIBA, PR, 2 DE OUTUBRO DE 1995

*Excelentíssimo Senhor Presidente do Paraguai, meu amigo Juan Carlos Wasmosy; Excelentíssimo Senhor Governador Jaime Lerner; Dona Fany; Senhores Embaixadores; Senhores Ministros de Estado; Nosso Arcebispo de Curitiba, que nos dá honra da companhia; Senhores Parlamentares; Senhor Prefeito Rafael Greca e Dona Margarita; Senhor Wally N'Dow, que é o Secretário-Geral da Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos; Senhores Participantes deste encontro; Senhoras e Senhores;*

O fato de nós estarmos hoje aqui, em Curitiba, com a presença das autoridades locais e do Presidente da República é uma demonstração do apreço que nós, brasileiros, damos, em conjunto, ao fato urbano, à questão da habitação e aos esforços que têm sido feitos para solucionar essa questão.

A escolha da cidade não podia ter sido mais feliz. Curitiba é uma cidade de sorte, uma cidade que conseguiu ter Jaime Lerner como Prefeito e que agora tem Rafael Greca como Prefeito. Assim é fácil. Com a imaginação, com a competência e com a persistência de dirigentes desse tipo é que se fazem realmente as cidades.

Mas, ao saudar o Governador Lerner, saudando-o como ex-Prefeito de Curitiba; ao saudar o nosso Greca como Prefeito de Curitiba, eu quero estender a saudação a todos os Prefeitos que aqui estão, a começar pelo Prefeito da minha cidade, Paulo Maluf, que eu vejo daqui, e a todos os Prefeitos do Brasil que aqui estão.

Eu dizia, há pouco, a um vereador – que me disse ser vereador há 25 anos aqui – que eu, na minha vida política, trago uma mágoa: de não ter nunca tido a oportunidade de trabalhar diretamente com a cidade. Bem que tentei, mas perdi as eleições. Acho que é no contato direto com a população da cidade que, realmente, se sente mais de perto o drama do povo e também as alternativas. É também por aí que se vê o quanto é possível fazer e se divisa um horizonte de esperança.

Hoje, aqui, nesta reunião, nesta cidade, que é tão bem-sucedida nas suas transformações, eu posso até ser testemunha – fiz pesquisa de campo aqui em Curitiba, no começo dos anos 50 – de que o que mudou Curitiba nestes anos, nestes 40 e poucos anos, é uma coisa extraordinária.

Então, nós, aqui, estamos vendo esta cidade que floresceu e que conseguiu, pelo menos em termos brasileiros, um equilíbrio que é raro. Porque o que vale nas cidades é a capacidade que elas têm de estender a casa. O Governador Lerner disse isso de outra maneira. Disse que havia uma rua que unia, que a casa é o fato fundamental. Esta Conferência trata da habitação, da casa, mas da cidade também. Ela existe prazerosamente quando ela é a extensão da casa, do *domus*.

Nunca perco o cacoete de sociólogo. Sociologicamente, a cidade nasceu com dois elementos fundamentais, enquadrados num grande valor. Um era o mercado. A cidade existe quando há mercado, quando há troca. O outro é a noção de direito. A cidade é o lugar onde se assegura o direito. E isso enquadrado no espírito de liberdade. A cidade é o local da liberdade. A cidade moderna, a cidade que nasceu depois do feudalismo é isto: é o mercado, com regras, com direitos, que defende o cidadão, que tem liberdade. Isso é fundamental em qualquer cidade. Ou se respira nela a liberdade, se tem o direito assegurado do cidadão e há uma possibilidade de ele sobreviver na troca com os seus semelhantes, ou não é uma cidade.

Hoje, o conceito moderno para expressar tudo isso é quando a cidade passa a ser, como vamos ver em Istambul, o local da convivência (*comunitas*, viver em comunidade, junto). E esse “estar junto” é o que significa a cidade moderna. E este é o desafio: como transformar essas megalópoles nas quais vivemos – pelo menos, eu vivo numa, que é São Paulo –, como transformá-las num local em que, em vez de as pessoas se separarem, porque tudo faz para que elas se separem, elas se sintam juntas, tenham vizinhança, estejam, ao mesmo tempo, ligadas por alguma coisa maior do que simplesmente o seu direito pessoal e individual de cidadão, ou mesmo a sua liberdade, ou mesmo o mercado; alguma coisa que permita que ele exista no mercado. Como é que se dá um laço social nisso? Como é que se está junto? Esse é o desafio. E é por isso que é em Istambul que se vai discutir a noção de vizinhança como alguma coisa fundamental no assentamento urbano.

Para que as pessoas se sintam juntas, é preciso muita coisa, há muitas precondições, mais igualdade, certamente, solidariedade, o sentido de que o outro existe, a capacidade de ver que, no isolamento, não se resolvem as coisas. Ao mesmo tempo, para guardar o espírito de liberdade, de direito, não pode haver a noção de que pelo assistencialismo se resolvem as coisas. A participação tem que ser o elemento fundamental desse convívio.

Nos programas que estamos tentando fazer no Brasil, desde já, em termos de habitação, nós não os estamos fazendo em Brasília: estamos pedindo aos prefeitos, e não só aos prefeitos, aos conselhos da comunidade, à população, que ela própria decida o que quer fazer com os recursos, onde localizá-los, que tipo de habitação quer. Isso é fundamental. Ou nós incluímos esse ingrediente de participação, de “estar junto”, ou não se vai lograr a cidade como local prazeroso, a cidade como a extensão da casa através do espaço.

Creio que é nesse sentido que nós estamos todos juntos, e é isso que o Presidente da República quis trazer diretamente a todos aqui: o testemunho da sua afinidade com esse espírito e com esse modo de ver as coisas.

Para finalizar, quero assegurar ao Secretário-Geral da Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos que nós vamos dar

a contribuição que o Brasil pode dar, com muito empenho, nessa questão, porque essa é uma questão que nos toca de perto, a questão urbana, a questão da habitação.

Acho que nada mais significativo, para mostrar esse espírito de “estar junto”, esse espírito de solidariedade alegre, e não solidariedade obrigatória, do que o que se fez esta manhã, ao chegarmos aqui: percorremos o Jardim Botânico da cidade de Curitiba, tão bonito, com aquela construção da estufa, tão bonita; e, depois, penetramos naquela floresta artística e artificial, mas tão presente, tão fortemente, uma floresta que o talento do Prefeito transformou em obra de arte, numa demonstração de amor à natureza – e de protesto: protesto contra a destruição. Nada une mais, hoje em dia, o ser humano do que a vontade de acabar com a destruição.

Estamos juntos. Estamos juntos aqui, que é esse o sentido da nossa presença. Muito obrigado.